

Sobre a arte de mostrar escolas a visitantes ilustres

Cláudio de Moura Castro

DA janela do ônibus podíamos ver os canteiros de flores à entrada da escola profissional que íamos visitar. O edifício quase novo estava um primor de limpeza. Impressionante, apesar de ser sábado, as oficinas estavam cheias. Por todas as partes podia-se ouvir o fundo musical típico de escolas profissionais: martelos, serras e limas em ação.

Nossos guias nos conduziam de uma bancada para a seguinte, permitindo notar um nível de qualidade bastante aceitável, considerando tratar-se de uma região de mínimas tradições industriais. Visitávamos um programa de treinamento para supervisores. Informaram-nos que os alunos tinham todos já muitos anos de experiência profissional e que este curso se voltava para corrigir eventuais deficiências e prepará-los para liderar operários qualificados.

O diretor da escola tinha terminado, havia pouco, o seu mestrado na Inglaterra e os instrutores haviam sido escolhidos dentre os melhores disponíveis na região. Receberam, em seguida, um treinamento especial antes de começarem a ensinar na escola que visitávamos.

De acordo com o diretor, havia 120 alunos na escola. Nada mau para uma instituição que apenas tem dois anos de funcionamento. E tudo indica que as perspectivas de trabalho futuro dos graduados sejam bastante otimistas.

No todo, um bom programa. Um esforço honesto em um lugar que apenas começa a se industrializar.

Outra surpresa agradável na visita foi encontrar um velho amigo, um suéco recém-aposentado do Banco Mundial, após muitos anos de trabalho na área da educação. Estava agora fazendo "biscates" para o governo da Suécia, visitando

as escolas que eles haviam financiado. Não deu para conversar muito no atropelo da visita. Marcamos então um jantar. E foi deveras um jantar muito instrutivo.

Meu amigo sueco estava justamente avaliando esta escola, o que requeria estar lá muito amíúde. De fato, havia chegado ao início da tarde, em tempo de ver as plantas sendo instaladas à entrada do prédio. Viu também a esfregação de última hora dos pisos. Quem já visitou muitas escolas profissionais sabe que a limpeza imaculada das instalações é uma questão conduzida com fervor religioso, haja ou não visitantes. Primeira decepção.

Para que os estudantes se convencessem a passar um par de horas na escola em um sábado — já que era o único dia possível para nossa visita — foi necessário cancelar as aulas de segunda-feira. Como fiquei então sabendo, foi um frenético corre-corre antes da nossa chegada, para que tudo ficasse bem ensaiado. Pensando bem, até que percebi não haver as folhas de tarefas, tão usadas neste tipo de escolas.

Lembrei-me então de que um dos visitantes, antigo mestre caldeireiro, notou que o instrutor de solda não sabia regular o maçarico. Não dava a pressão necessária para obter um bom corte.

Mas o problema com os instrutores era pior ainda. Para que o governo tivesse uma escola que pudesse mostrar a visitantes ilustres, os instrutores haviam sido subtraídos de outras escolas. E as conseqüências estavam sendo devastadoras para as escolas que sem mais aquela viram seqüestrados os seus melhores instrutores.

Mas não surpreende que faltem instrutores neste sistema. Ganhando apenas um terço do que paga o mercado para pessoas com tais competências, é apenas

uma questão de tempo para os melhores baterem asas.

O equilíbrio entre as atividades de "giz e cuspe", de um lado, e as de "graxa e serragem", do outro, é sempre mais do que precário. Quando os professores que brandem as ferramentas têm status mais baixo na escola do que os professores da caneta, não há como evitar que os alunos o percebam claramente e tirem as suas conclusões. Meu amigo sueco notou que as salas de aula estavam sempre abarrotadas. Mas, em todas as suas idas e vindas, nunca viu mais de seis alunos em alguma oficina. Notou também que alguns maçaricos vieram com rosca em polegada e tubos com rosca em milímetro. Como chegaram, ainda lá estavam, após dois anos. Nenhuma pressa para providenciar os reparos.

O olímpico desprezo pelo que acontece nas oficinas também se manifestava na escolha dos alunos. De fato, tinham experiência de trabalho. Todavia, em geral não era naquilo que pressupunham os programas. Muitos tinham apenas experiências administrativas ou burocráticas. Em nada os atraía a graxa nas mãos ou um eventual sapecado de um maçarico.

Típica da atitude diante das oficinas era a sugestão do diretor de recrutar universitários desempregados como alunos. Que possam melhorar seus prognósticos de emprego não é o caso. Podemos até supor que sim. Mas um edifício de um milhão de dólares, abrigando equipamentos valendo outro milhão, não é bem o local indicado para preparar gente que sequer está interessada no que poderia estar acontecendo nestas oficinas.

Para um lugar pobre, a ineficiência é assustadora. O número de alunos não é 120 mas 80 — surpreendente e deslavada mentira do diretor. As oficinas são utilizadas apenas 20% do tempo — e sabe-se lá como. Um investimento de dois milhões de dólares usado por 80 estudantes (supondo que não matem aula, o que não é lá muito realista) significa que cada estudante usa os serviços de 25 mil dólares de equipamento. As hipóteses usuais de juro e depreciação nos dão custos dos serviços do capital da ordem de dois a três mil dólares por ano. Ora, isso é o custo total de muita instrução de excelente qualidade que anda por aí. E para formar o quê? Gente que gostaria que o curso não tivesse a parte de oficina?

Esta instituição tem muito que aprender. Mas uma coisa é certa, já dominaram a arte de mostrar escolas a visitantes ilustres. Cabe a nós agora dominar a arte de visitar escolas. Afinal, nem sempre podemos contar com amigos suecos em nossas visitas.

Esse caso seria perfeitamente verossímil no Brasil. Mas, na verdade, aconteceu em um país da Ásia, mostrando a universalidade de tais problemas. É um mal crônico do ensino profissional.

Cláudio de Moura Castro Doutor em Economia pela Universidade de Vanderbilt e atualmente reside na Suíça

